

Alguém tinha contado a David a história do sujeito diagnosticado com uma doença grave a quem o médico só havia dado um ano de vida: o doente pediu demissão do emprego, vendeu tudo o que tinha e foi gastar numa farra de dimensões épicas. Pouco depois, descobriu-se que o diagnóstico estava errado. Parece que o médico teve que enfrentar um processo, mas daí em diante a história perdia o interesse para David.

Ele pensava nisso ao observar o oncologista pegando um pequeno elefante de pedra verde que tinha em sua estante e revirando-o entre as mãos enquanto falava. Era como se estivessem ali discutindo o caso do pequeno elefante de pedra, não o de David. Tratamentos disponíveis. Meses a mais, meses a menos, dependendo disso ou daquilo.

O médico examinou a tromba do elefante, as patas. Virou o animal para um lado, para o outro. Disse qualquer coisa sobre quimioterapia (e que no caso dele não recomendava, e por quê)

e radioterapia (e que no caso dele recomendava, e por quê).

Lá do fundo do oceano de silêncio onde David estava mergulhado, por um instante ele teve a impressão de que o elefante ia responder. Seu novo porta-voz de pedra verde, que falaria com uma voz pequena, mineral e ponderada. Já que as palavras de David pareciam estar enfiadas dentro de alguma gaveta, num canto do seu cérebro doente, e em meio à pressa e à desordem ele não conseguia encontrá-las.

David tinha lido numa revista, muitos anos antes, que os elefantes abandonam sua manada ao sentir que a morte está próxima e vão sozinhos procurar um lugar onde não seja difícil encontrar água e abrigo. Os dentes se fragilizam, perdem a eficiência de outras épocas da vida, e os animais vão buscar áreas pantanosas, por exemplo, onde encontram o alimento já amolecido. Parecia ter sido essa a origem do mito do cemitério de elefantes. Só uma coincidência geográfica causada pelas dificuldades da última fase da vida. E era ali que os animais viam seu último dia e davam seu último suspiro, naquele colosso de corpo que antes parecia quase indestrutível. Elefantes não deveriam morrer, não é verdade? Elefantes deveriam viver para sempre. Mas morriam, e sobravam como carcaça, depois ossos, depois o que quer que ficasse dos ossos. Vestígios. Pequenas marcas no chão.

Terminada a consulta, ele apertou com sua mão fria a mão morna e segura do médico. Acompanhou a enfermeira e foi dar conta de todas as formalidades que continuavam existindo, a mesma teia de ordem, o mesmo seguir adiante.

Havia papéis a assinar, breves agradecimentos a fazer com sorrisos que não eram sorrisos, eram só contrações dos músculos do rosto. Ele pensou na embocadura do trompete. Ajeite os músculos desse jeito, coloque a pressão correta, nem mais, nem menos, e sopra.

Não arrancou as roupas e saiu gritando pelas ruas, parte de um grupo de pessoas às quais finalmente se permitia certa falta de juízo. Não agarrou a bunda da enfermeira que fazia o possível para fingir que não era bonita atrás de um jaleco estampado com Plutos. Não subiu no telhado da clínica. Só o que fez foi procurar um café ali perto, surpreso com o modo como tudo continuava idêntico. O céu não tinha ficado cor de abóbora nem o chão tremia nem godzillas pisoteavam os carros.

Estava claro, naquele momento, que o mundo passava ao largo do drama. As pessoas é que empurravam adjetivos para dentro das coisas, que de outro modo seriam só coisas, nem simples, nem complicadas, nem fáceis, nem difíceis, nem justas, nem injustas.

A lista oferecida pelo oncologista, por exemplo: seria apenas uma lista. E o que constava dela, nada mais do que aquilo que já tinha começado, aos poucos, tranquilamente e com um assobio nos lábios, a ser o novo padrão do corpo de David.

Se afinal, pelo referencial do universo, sobre o qual sempre gostava de ler no caderno de ciências do jornal, ele passava tão rápido quanto uma estrela cadente. Feche os olhos, puf! acabou. Os seus trinta e dois anos se comparavam à bilionésima parte da bilionésima parte de um segundo, tempo de vida daquelas partículas subatômicas descritas na última edição. Postos em perspectiva, numa perspectiva de bilhões de anos, ele e as partículas subatômicas eram primos. Existiam num soluço.

E pensar que em algum lugar do mundo um turista idiota estaria perguntando ao seu guia se o suco oferecido pelo homenzinho moreno, no país estrangeiro, era preparado com água mineral, como na história que sua colega de trabalho, recém-chegada de viagem, tinha contado dias antes — o guia disse que sim, claro, embora fosse óbvio que não, claro, mas o tópico era absurdo e não merecia mais do que aquele pequeno teatro por parte de um ator semiprofissional.

E pensar que na véspera — na véspera! — David ajudava uma cliente, com grande empenho, a escolher o melhor vaso sanitário para a reforma

do seu banheiro. Um vaso sanitário é só um objeto de louça com funções para lá de práticas que se coloca no banheiro, só isso. Leve qualquer um, pelo amor de Deus! Qualquer um serve.

Todas essas coisas entravam para o país dos sonhos: viagens, turistas, água mineral, vasos sanitários. Uma nuvem de poeira as embaçava.

Ao mesmo tempo tudo era, pela primeira vez, normal. Tudo eram substantivos. Nada como um médico revirando um pequeno elefante de pedra entre as mãos e listando números e sintomas.

A autodefesa do molusco diante da invasão de um corpo estranho passa a ser conhecida como pérola. Quando te dizem que é o último gole, David pensou, você para, aguçá os sentidos e sente o gosto da bebida pela primeira vez.

Naquele mesmo dia, algumas horas mais tarde, o dono de um pequeno mercado asiático em Little Vietnam foi chamar a atenção da garota que atendia no caixa, dizendo que ela estava de mau humor e que o seu mau humor não era bom para os negócios.

No supermercado da Broadway (cujo nome evitava dizer, talvez uma inconfessa superstição) os funcionários são sempre gentis e estão sempre sorridentes, ele completou.

A garota que atendia no caixa olhou para os bolos da Mai's Bakery e da Yen Huong Bakery. Os pacotes e mais pacotes de macarrão de arroz e

o chá de ginseng para perda de peso. Os saquinhos com sementes de urucum, *hột diêu màu*, em promoção. Os montinhos verdes de *bánh da lợn*, os bolos de tapioca frescos, dispostos atrás do vidro. Suspirou.

Ela se chamava Alex. Um nome ocidental para um rosto cinquenta por cento. Não dava para saber de onde vinha, assim de saída. Se lhe perguntassem, ela diria venho daqui mesmo, nasci e cresci aqui em Chicago, e aliás foram raras as vezes que pus os pés noutro lugar.

Já seu patrão, que ela agora sentia vontade de mandar ao inferno, vinha de fora, assim como grande parte dos produtos empilhados nas prateleiras do mercado. Assim como as conservas de jaca e de goiaba.

Chamava-se Trung. Tinha exportado a si mesmo trinta anos antes, com alguns dos selos oficiais (somente alguns).

O dia de Alex não estava sendo fácil. Seu filho estava resfriado, e em vez de levá-lo à escola ela precisara deixá-lo na casa da amiga a quem sempre recorria nessas horas — Rita, sua amiga desde os tempos da escola, que agora ganhava a vida cuidando de crianças, passeando com os cachorros de pessoas atribuladas demais para passear com seus cachorros e dando aulas de matemática para adolescentes que detestavam matemática.

Estava cansada. Seu filho tinha acordado várias vezes durante a noite, e quando já amanhe-

cia, um pesadelo a havia arrancado da cama com o coração acelerado, como se tivesse que tomar alguma providência (mas que providência?) acerca de alguma coisa (mas que coisa?) muito rápido. Era o pior tipo de pesadelo. Aquele em que o medo paira no ar como um cheiro, sem que você saiba de onde vem ou a que se refere. Sem que você saiba o que exatamente precisa temer.

Fazia calor ali dentro, no mercado asiático. Trung podia ir para o inferno, o salário que ele lhe pagava não incluía sorrisos de cortesia. Ela sorria se estivesse com vontade.

Mas claro que não era sério aquilo de querer que ele fosse para o inferno. Trung era um homem gentil e esforçado. Alex se perguntava quantas horas de sono por noite ele dormia. Tinha olheiras tão profundas que era como se alguém o tivesse maquiado para uma peça de teatro. Como se quisesse realçá-las para ter certeza de que o público notaria.

Uma vez ele tinha contado que dormia no metrô a caminho de casa e que nunca, nem uma única vez em dezessete anos — desde o dia em que tinha aberto as portas do mercado pela primeira vez, com amostras grátis e preços especiais de inauguração — havia passado da sua estação. Achava que uma parte sua ficava atenta, sabia quanto tempo transcorria desde que embarcava até o momento em que devia se levantar e sair. Um

pequeno despertador interno, ajustado face às necessidades, como tantas coisas mais.

Trung havia dado o emprego a Alex por amizade à mãe dela. Mais do que amizade. Devia achar que Alex não percebia as delicadezas com que ele tratava sua mãe quando seu pai não estava por perto, desde aqueles primeiros tempos, quando eram vizinhos e Alex ainda uma criança.

Quando o pai de Alex morreu, tão cedo, ela achou (todo mundo achou) que sua mãe e Trung iam se casar, como alguma coisa que se acomoda, que se ajeita para um lado, para o outro, afunda um pouco e fica ali, ocupando de modo ainda mais quieto o seu lugar quieto por definição no mundo: nada que venha a causar terremotos ou sequer impressões, algo da natureza da pedrinha que rola alguns centímetros com a chuva e é tudo. E continua ali imóvel, sem pensar em nada, sem precisar de nada.

Mas eles não se casaram e pouco depois Alex teve Bruno, e as coisas se complicaram.

Quando finalmente parecia que Alex daria conta de tudo sozinha, Huong, sua mãe, e Linh, sua avó, deixaram Chicago e foram morar a cinco horas dali, numa cidadezinha de quinze mil habitantes. Fazia mais sentido. Elas não tinham nascido para milhões. Elas ficavam confusas na cidade grande, com o ritmo, com o barulho, com a falta de espaço, e nem duas décadas as haviam amolecido, nesse sentido.

Trung dizia mas é claro, elas vieram de um país rural. Elas trabalhavam no campo em um país rural devastado pela guerra.

Você veio do mesmo país rural, Alex respondia a ele.

É, eu também, ele dizia. Mas o meu caso foi diferente.

O caso de Trung tinha sido diferente. Pior, talvez. Mas não havia uma balança para aquilatar essas coisas. Como é que os corações — e os estômagos, e os pés, e outras partes do corpo — doíam em cada um. Qual o grau de tolerância de cada um.

Resiliência, Alex pensava. Na física, desde sempre uma de suas matérias preferidas, *resiliência* significava a capacidade de um corpo de recobrar sua forma original após choque ou deformação.

Mas então não era *bem* resiliência, era? Será que os corpos, aqueles corpos, tinham mesmo recobrado sua forma original?

Huong arranhou um emprego no centro recreativo da cidadezinha de quinze mil habitantes, onde ganhava oito dólares por hora. Entre todas as coisas possíveis, prováveis e improváveis, sua nova vizinha era viúva de um veterano da Guerra do Vietnã (a Guerra Americana).

A vizinha tinha fotografias do marido nas paredes de casa, e Alex imaginava sua mãe e sua avó — sobretudo sua avó — entrando ali como quem entra num museu de memórias coletivas. Não se

pode dizer que dividimos as mesmas experiências, não. Mas sabemos o valor de flores secas, de cartas e fotografias que guardamos (por um tempo, apenas, no nosso caso: enquanto elas eram seguras) e de cartas que nunca recebemos e fotografias que nunca tiramos. Sabemos inclusive o peso dos nossos enganos e o quanto os enganos alheios pesaram sobre nós sem que pudéssemos fazer muita coisa a respeito. Seguir em frente era a nossa opção: aqui está, o seu caminho é este, siga em frente.

Arranjei um emprego no centro recreativo, Huong contou a Alex num dos telefonemas em que a filha se esforçava para falar a língua da mãe, que já não podia chamar de sua havia muito, embora a tivesse aprendido em casa, junto com o inglês de seu pai e dos desenhos animados da tevê.

Minhas tarefas por enquanto são ajudar no bingo, ensinar pingue-pongue para a terceira idade (ela jogava pinque-pongue como um pequeno demônio, com técnica e estilo, embora nas aulas no centro recreativo tivesse que se conter e ser mais didática, mais medíocre) e organizar na última sexta-feira do mês a festa do sorvete, Huong contou. Me avisaram que tenho de anotar em papeizinhos os sorvetes que levam leite e os que não levam. Os que levam amendoim ou nozes ou castanhas e os que não levam. Nunca entendi por que as pessoas têm tantas alergias, aqui.

Huong cultivava flores no jardim de casa, e punha um buquê a cada semana no vaso torto de cerâmica que Alex tinha feito quando criança. Retomava com isso, num arco, uma relação que tinha existido entre ela e a terra muito antes.

Mas ao mesmo tempo era tudo tão diferente, agora. Cultivava flores em vez de arroz. Era muito simples. Bastavam um par de luvas de borracha e umas poucas ferramentas de jardinagem, mais um conhecimento mínimo da predileção de cada planta. Cada indivíduo em seus canteiros era generosamente previsível, uma vez que ela entendia suas necessidades básicas de sol, de água, de adubo. Não precisava ficar enterrada até os joelhos na plantação, as costas arqueadas, o corpo tapado para fugir do sol, debaixo do chapéu cônico, calças compridas, mangas compridas, ajudando sua mãe depois que ficou claro que a escola também era território inimigo. Já não precisava plantar para comer.

Huong fez questão que Alex terminasse os estudos quando Bruno nasceu. Foi um ano difícil mas chegou ao fim, e no dia da formatura de Alex as duas dividiram uma garrafa de sidra.

Ele parece um urso, Huong disse, vendo Bruno dormir em cima de uma colcha, no chão.

Ele parecia mesmo, um pequeno urso, com aquela pele marrom e os cabelos encaracolados e as pernas gordas e escancaradas saindo das fraldas.

Huong contou que quando era pequena havia um orfanato budista perto da sua casa. De-

pois da guerra, as monjas foram presas, e presas ficaram por vários dias, em alguns casos por várias semanas. As crianças foram postas para adoção.

As pessoas vinham escolher, ela disse. Como se escolhessem produtos numa feira. Levavam primeiro os mais bonitos e saudáveis entre os vietnamitas puros. Depois, os mestiços filhos de soldados americanos brancos. Depois, os vietnamitas feios ou doentes. E por último os mestiços filhos de soldados americanos negros.

Huong não era uma órfã da guerra. Dizia com orgulho que não havia sido abandonada por sua mãe — não ela. Não ela.

As duas ficaram na janela, antebraços apoiados no parapeito, olhando para o céu que escurecia tarde, tomando sidra com as taças que tinham vindo de brinde e nas quais se lia o nome do fabricante em letras douradas. Enquanto isso, Linh assistia a um programa de variedades na televisão.

Havia sido um verão quente, aquele.

Ao sair da clínica, disposto a entrar no primeiro café que aparecesse no seu caminho, David parou para ouvir um garoto tocando, na rua, num piano de armário. Devia ter sido complicado levar um piano para a rua.

Tentou calcular quanto dinheiro haveria dentro do copo de plástico em cima do piano, en-

tre moedas e notas amassadas. Contou quantas pessoas além dele tinham parado para ouvir.

O garoto devia ter seus dezoito, dezenove anos. Era um elefante jovem, com dentes saudáveis, mordendo a comida com força, arrancando as folhas das árvores. David poderia ter tirado do estojo o trompete (que por nenhum motivo tinha decidido levar com ele naquele dia: era talvez um amigo para as horas difíceis?) e improvisado um duo com o pianista.

Não precisariam saber o nome um do outro, não precisariam nem mesmo falar uma sílaba da língua um do outro. Não é necessário traduzir ao húngaro ou ao chinês o tema de “Seven Steps to Heaven”, por exemplo. David poderia pegar o trompete, e o garoto no piano e eles seriam parte de alguma coisa. E se o pianista fosse, digamos, chinês, e ele húngaro, ainda melhor, David pensou: misturariam a “Orquídea Solitária” e “Szerelem, Szerelem” e qualquer outro tema que lhes ocorresse, com total liberdade. O jovem elefante de dentes saudáveis, ainda capaz de morder o mundo, e o elefante que se encaminhava precocemente ao pântano.

O homem ao lado de David sacudia a cabeça ao ritmo da música. Estava sentado numa cadeira de rodas e suas pernas terminavam na altura dos joelhos. Uma mulher olhou para David, colocou no rosto um sorriso e a expressão universal de admiração compartilhada. Usava óculos de grau

decorados com claves de sol vermelhas nas laterais. Tirou um dinheiro da bolsa e foi colocar no copo de plástico. O garoto olhou para ela e fez um gesto de agradecimento com a cabeça.

David voltou a pensar na história do diagnóstico errado, e do sujeito que vendia tudo o que tinha, pedia demissão do emprego, e todo o resto.

Era uma história plausível, mas não provável. Não havia muita margem de erro, no seu caso. Os sintomas já vinham colocando placas de trânsito no seu corpo, dizendo é por aqui. Placas de trânsito com limites de velocidade, com avisos de RUA SEM SAÍDA e com o vermelho histérico do PARE. De modo que não havia muita margem de manobra. Ele era como uma cidade tomada, cheia de barricadas e postos de inspeção.

Foi assim que o seu plano de ação se apresentou já pronto, organizado e simples, naquele instante, num miolo de tarde, no meio da rua.

Não requeria músculos possantes nem dentes afiados. Não requeria elasticidade nem fôlego incomuns. Não era um papel para o ator mais bem pago de Hollywood, nem para o homem mais bonito do ano. Era um papel para ele, David. Bem mais modesto do que o do tal doente que acabou processando o médico pelo diagnóstico errado. Mas ainda assim tinha seu charme.

* * *

Ele abriu a carteira, separou um pouco de dinheiro porque afinal a gente nunca sabe, e meteu o resto no copo de plástico em cima do piano.

O que ele tinha não era muito. Nunca era muito — o que Lisa havia tentado explicar durante todos os anos em que estiveram juntos, sempre passando longe do alvo mas nunca se dando conta disso.

De todo modo, o que ele colocou dentro do copo de plástico sobre o piano devia ser mais do que o esperado pelo pianista, e pela primeira vez não tinha nada a ver com a solidariedade do músico anônimo, acostumado a não ser ninguém num mundo de poucos alguéns.

Depois ele virou as costas, porque ali acabava o seu ponto de contato com o garoto ao piano. Um duo improvisado teria sido ótimo, mas agora estava ali o dinheiro, para que o garoto fizesse com ele o que quisesse.

David entrou num café e se sentou numa mesa perto do balcão. Na televisão, uma atriz famosa falava com uma entrevistadora de cabelos muito armados, e a entrevistadora fazia que sim com frequência, mas seus cabelos não se mexiam. O único freguês além de David era um homem sentado sozinho numa outra mesa, de costas para o balcão, que não prestava atenção na atriz famosa e anotava coisas num caderninho com um toco de lápis, molhando os dedos na língua quando precisava virar as páginas.